

PROJETO BROTAR: O FAZER EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM CRIANÇAS

CASTELLANI, Tânia Tarabini¹; SARMENTO, Ariana Sousa de Moraes²; SCHLINDWEIN, Ana Lara²; ALMEIDA, Camila da Silva²; KLUNK, Cristian Luan²; MANTOVANI, Joice Helena²; BINDER, Luisa Bandeira²; CARON, Natália²; SOUZA, Veronyca Rivero Corrêa de²; MOREIRA, Victor Augusto²

Introdução

O como fazer educação ambiental tem sido um debate constante entre os educadores que procuram a incorporação do discurso em prol do meio ambiente nas ações do inconsciente infantil. Buscando uma educação como processo de elaboração de sentidos (ARRUDA, 2011), estimulou-se o pensar, o refletir e o agir da criança sobre a cidadania sustentável, a fim de promover a compreensão do contexto em que ela está inserida. A significação faz-se, com isso, necessária ao processo, pois a natureza está para muito além da sua existência física concreta. São os significados que lhe atribuímos que constroem o que entendemos por natureza e, portanto, a forma com que nos relacionamos com ela (FERREIRA et al., 2011).

O objetivo do presente projeto é incentivar a construção de valores, conhecimentos e atitudes voltados para a preservação do meio ambiente, sensibilizando o educando do seu papel no contexto socioambiental. Para o desenvolvimento desta atividade foi escolhida a Casa dos Girassóis, que atende crianças de baixa renda e age como um local de enriquecimento pessoal. Nosso projeto, intitulado Projeto Brotar, teve como diretriz que as crianças trouxessem, em nossos encontros, todos os seus “por quês” ambientais, em um momento de construção coletiva e da busca de nova significação do local onde vivem. Procurou-se construir laços entre o potencial criativo e a ação, a fim de articular os saberes com ações cotidianas (FREIRE, 1979).

Material e métodos

A atividade foi realizada na Casa dos Girassóis, organização de contra turno escolar não governamental, localizada no Centro da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Com tal proposta, foram realizados sete encontros quinzenais com crianças na faixa etária de oito a dez anos, durante o primeiro semestre de 2013. A metodologia baseou-se na aprendizagem significativa crítica, amplamente desenvolvida por Paulo Freire no Brasil. Esta pedagogia busca desenvolver a pró-atividade, o espírito crítico e cooperativo, através de atividades que levem à percepção do contexto sócio-ambiental vivenciado pelo educando. Entre as temáticas desenvolvidas, estão o conceito de “meio ambiente”, questões sobre a problemática do lixo, compreensão sistêmica do meio em que se vive, incluindo a percepção do envolvimento entre os itens bióticos e abióticos.

A fim de melhor trabalhar os temas destacados, a união entre a aventura intelectual do conhecimento e a exploração imaginativa e sensorial da natureza foi primordial, já que no processo educativo é fundamental essa correlação com o intuito de romper o preconceito dualista que, em nossa sociedade, separa razão e emoção, afeto e intelecto, arte e ciência (GIRARDELLO et al., 2012). As atividades artísticas como pintura, desenho e modelagem, foram amplamente utilizadas nos encontros, como forma de significação do conhecimento gerado. Além disso, o teatro-fórum, idealizado por Augusto Boal (2005), foi uma prática realizada em sala, proporcionando um momento em que os educandos saíam da situação de espectadores passivos para promotores da ação.

As crianças ainda tiveram a possibilidade de participar de Trilha da Vida: re-descobrimo a natureza com os sentidos, que consiste em um experimento educacional transdisciplinar (MATAREZI, 2001), criado e desenvolvido pelo Laboratório de Educação Ambiental em Áreas Costeiras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Nessa atividade, por estarem de olhos vendados, a percepção do ambiente se dá com os outros sentidos, como tato, audição e olfato.

Além da trilha, as crianças manipularam mudas de plantas ao longo dos encontros, como a do Ipê Amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) que, ao final do semestre, foram plantadas pelas crianças no Parque Ecológico do Córrego Grande, Florianópolis, SC. No parque, com o auxílio de monitores, os educandos ainda tiveram a oportunidade de participar de atividades como a preparação do solo para receber mudas produzidas no local. Essas atividades visaram facilitar a compreensão das crianças a respeito do funcionamento e da importância do cuidado no plantio de uma muda e ainda permitir uma maior interação do grupo. Como vislumbre para o segundo semestre de 2013, uma horta comunitária será montada com o grupo trabalhado anteriormente. O objetivo é que as crianças, durante esse processo, tenham uma experiência concreta a partir do que foi assimilado e instrumentalizem o saber.

Resultados e Discussão

Durante sete encontros realizados, a cada quinze dias, educandos e educadores construíram uma consciência socioambiental, sempre como um processo bilateral e horizontal, entendendo a educação como uma situação que envolve tanto o aluno quanto o professor e no qual o professor tem o papel de organização do ambiente social de desenvolvimento (PRESTES, 2012). Essa dinâmica de trabalho ficou evidente logo no segundo encontro, quando foi apresentado um teatro-fórum sobre o desenvolvimento de uma árvore e as relações ecológicas envolvidas nesse processo. Quando as problemáticas foram levantadas às crianças, estas foram participativas e espontâneas ao responderem os questionamentos, apresentando grande interesse pelo assunto a que estavam sendo introduzidas. Além disso, mostraram boa noção das conexões bióticas e abióticas, percebendo que tudo está integrado e que as ações de um animal afetariam o outro. Outro exemplo, quando questionadas sobre como respiramos em um ambiente fechado onde não há plantas realizando fotossíntese, as crianças responderam que sempre há frestas e pequenas passagens de ar que permitem a entrada de oxigênio e tornam tal ação possível.

Após esse primeiro contato com questionamentos ambientais, as crianças participaram de uma trilha montada em sala, que era percorrida de olhos vendados. A perda momentânea da visão, a princípio, foi encarada com medo por alguns educandos, tendo certo receio ao caminhar pelo local. Entretanto, logo que ganhavam confiança nos demais sentidos, relaxavam e percorriam curiosamente a trilha. Depois de realizar o percurso, cada criança foi convidada a desenhar o que sentiu durante a atividade, utilizando tinta de tecido e uma *ecobag*. O resultado foi a explicitação da individualidade que há no processo de significação, já que cada desenho representava a experiência subjetiva do educando.

Ainda nesse processo de aproximar as crianças do objeto a ser cuidado e criar significado para a ação de proteger o meio ambiente, cada uma delas recebeu, ao final do terceiro encontro, uma muda de planta. Junto com as plantas, eles receberam dentro das suas *ecobags* diferentes materiais: água, minhocas, terra, e vasinhos de garrafa PET. A partir disso, os educandos foram questionados sobre a necessidade de cada um dos materiais para a manutenção da planta. Essa atividade proporcionou euforia ao grupo de educandos, que mostrou responsabilidade durante o processo de manutenção das mudinhas, sendo pró-ativos com os colegas e fiéis ao calendário semanal, elaborado por eles e que os mantinha cuidando das mudas. Além disso, ao transferirem a muda para o vaso, as crianças, trabalhando em grupo, aprenderam e discutiram muito mais por estarem no comando da ação. Essa atividade foi, portanto, uma das linhas condutoras de todo o processo de educação ambiental, por aproximar as crianças do ambiente e sensibilizar o olhar para outro ser vivo. Isto ficou evidente quando muitas crianças demonstraram interesse em plantar as mudas no quintal de suas casas, falando também sobre construir pequenas hortas com os pais.

Ao final do semestre, o grupo de crianças fez uma visita ao Parque Ecológico do Córrego Grande (Figura 1), em Florianópolis. A experiência no local comprovou a eficiência dos encontros anteriores, já que a curiosidade era marcante em cada uma delas, que questionavam sobre o nome das plantas, a sua utilidade e como cresciam: ficou evidente que o olhar das crianças tornou-se sensível ao ambiente ao seu redor. Quando em contato com os voluntários que atuam no parque, as crianças não tiveram receio em sujar as mãos (Figura

2), ajudando-os a preparar o solo para receber mudas produzidas no local. Apresentaram, além de toda a pró-atividade em realizar a atividade, prazer em realizá-la, comprovando a aproximação criada com a natureza no decorrer do semestre.

Conforme os encontros foram realizados, o grupo de educadores observou um maior engajamento das crianças, havendo maior participação e um crescente interesse sobre o assunto, principalmente conforme os laços entre os educadores e os educandos foram se formando. Além disso, percebeu-se que o conhecimento gerado em sala perpassava a estrutura física da instituição e era levado para casa, onde a criança o dividia com os pais, os irmãos, familiares e vizinhos. Isto evidencia o quão importante é a aquisição de um conhecimento e de uma consciência crítica durante o processo de aprendizagem, para que assim os educandos possam assumir, de forma cada vez mais lúcida e autônoma, o papel de protagonista e ator social (BRANDÃO & STRECK, 2006). Ainda exemplifica a importância da significação no processo de educação ambiental: cuidamos daquilo que conhecemos e do que possui um significado subjetivo. Não se trata, portanto, da repetição de um discurso impessoal desassociado das ações cotidianas, mas da criação de uma afinidade pelo objeto a ser protegido pela criança.

Referências

ARRUDA, V. L. V. *Vivências em educação ambiental*. In.: ARRUDA, V. L. V.; HANAZAKI, N. (Orgs.). **Tecendo reflexões em educação e meio ambiente**. Florianópolis – SC: Ed. UFSC, 2011.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 8ª ed., 2005.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. *Pesquisa Participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ed. Ideias e Letras. 2006.

FERREIRA, M.; GUIMARÃES, L. B.; SAMPAIO, S. M. V. *Olhares para práticas de educação ambiental endereçadas a escolas*. In: ARRUDA, V. L. V.; HANAZAKI, N. (Org.). **Tecendo reflexões em educação e meio ambiente**. Florianópolis – SC: Ed. UFSC, 2011.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIRARDELLO, G.; CHAGAS, L. M. De M.; SCHLINDWEIN, L. M.; FANTIN, M. *Arte, Imaginação e mídias na educação infantil*. In: FLOR, D. C.; DURLI, Z. (Org.) **Educação Infantil e Formação de Professores**. Florianópolis – SC: Ed. UFSC, 2012.

MATAREZI, J. *Trilha da vida: re-descobrimo a natureza com os sentidos*. Revista Ambiente & Educação, vol. 5/6. Rio Grande, Brasil. 2001.

PRESTES, Z. *Vigotski: algumas perguntas, possíveis respostas...* In: VAZ, A.F.; MOMM, M.C. (Orgs.). **Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p.57-71.

Figura 1. Crianças da Casa dos Girassóis no Parque Ecológico do Córrego Grande, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.



Figura 2. Uma das crianças mostrando as mãos após preparar o solo com o voluntários do Parque Ecológico do Córrego Grande, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

